

# NO RASTRO DOS ANIMAIS: HISTORIOGRAFIA, CAÇADAS E EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL

## ON THE TRAIL OF ANIMALS: HISTORIOGRAPHY, HUNTING AND SCIENTIFIC EXPEDITIONS IN BRAZIL

JANAINA ZITO LOSADA\*

**Resumo:** Os animais não humanos figuram nas histórias humanas desde o início dos tempos. As sociedades retrataram seu medo das bestas feras, seu respeito às divindades antropozoomórficas, seu desejo de caça e sua imaginação, tornando-os seus outros e, muitas vezes, seus monstros. Arte, literatura, legislação e conhecimento científico tornam visíveis as relações historicamente construídas entre seres humanos e animais. A humanidade sempre compartilhou o planeta com os animais não humanos, os caçou, os comeu, conviveu com eles, compartilhou a morada e afetos. Com eles co-evoluiu. No campo das humanidades uma virada animal tem sido vista desde os anos 1980, impactando os estudos da história, da filosofia e das linguagens, promovendo tão ricos quanto controversos debates. Os animais têm sido objetos/sujeitos nos estudos da história ambiental, que desde os anos 1990, tem dedicado à eles inúmeros trabalhos de pesquisa e produções de grande impacto acadêmico. Percebe-se que a aproximação econômica ou simbólica com os humanos e os atributos das espécies têm sido os organizadores das análises em ambas as tradições. São estas as preocupações que orientam a proposta deste artigo, que em sua primeira parte mapeia estas “tradições” na historiografia contemporânea e na segunda parte evidencia as interações entre humanos e animais nos relatos das expedições científicas do século XIX.

**Palavras-chave:** Animais não humanos, Historiografia brasileira, Viagens oitocentistas

**Abstract:** Nonhuman animals figure in human stories from the beginning of time. Societies portrayed their fear of wild beasts, their respect for anthropozoomorphic deities, their desire to hunt, and their imaginations making them their others and often their monsters. Art, literature, legislation and scientific knowledge make visible the historically constructed relationships between humans and animals. Humanity has always shared the planet with non-human animals, hunting them, eating them, dressing them, living with them, sharing their homes and affections with them. With them it co-evolved. In the humanities field, an animal turn has been seen since the 1980s, impacting the studies of history, philosophy and languages, promoting debates as rich as they are controversial. Animals have also been objects/subjects in the studies of environmental history, which, since the 1990s, have dedicated numerous research works and productions of great academic impact to animals. It can be seen that the economic or symbolic

---

\* Historiadora e Doutora em História. Professora do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia/CFCHS/UFSB e do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade/PPGES/UFSB. (E-mail: [janainalosada@ufsb.edu.br](mailto:janainalosada@ufsb.edu.br))

approach to humans and the attributes of species has been the organizers of the analyzes in both traditions. These are the concerns that guide the proposal of this article, in the first part mapping these “traditions” of contemporary research and in the second part perceiving the interactions between humans and animals in the accounts of the scientific expeditions of the 19th century.

**Keywords:** Non-human animals, Brazilian historiography, 19th century travels

Um ruído indescritível era ouvido na mata, pegadas úmidas que atravessavam os caminhos, tocas e locas encontradas junto aos rios, fezes que indicavam o tempo decorrido de sua passagem, assim começa esta história, seguindo os rastros dos animais não humanos na cultura humana como forma de perceber as fronteiras historiográficas sensíveis aos animais. Como todo bom mateiro, é preciso identificar os movimentos dos animais não humanos no território percorrido como forma de escrutinar os lugares, de se proteger, e ao mesmo tempo de sobreviver aos terrenos e deles tirar melhor proveito. Aqui, os historiadores tornam-se mateiros e a historiografia brasileira é tomada pela emergência e pelo registro da história dos animais. Aqui, os não humanos não são um tema, são em si, indivíduos e espécies que mobilizam sensações, percepções e saberes, e aparecem nas histórias humanas em toda a sua amplitude e diversidade<sup>1</sup>.

Uma história que encontrou rastros dos animais em dois caminhos distintos, e que se entrecruzam neste artigo, que como um saber de encruzilhada, se produz no anseio de mapear uma possível discussão historiográfica sobre os animais não humanos e, em seguida, realizar um estudo monográfico retomando um tipo de fonte há muito consagrado na historiografia brasileira e que fartamente documentou os animais e suas relações com os humanos em seus caminhos e na ocupação dos territórios no Brasil: os relatos de viagem. O objetivo aqui é perceber os entrelaçamentos entre a história, a historiografia e os animais não humanos, destacando a emergência temática do assunto e as possibilidades narrativas que se apresentam aos historiadores e historiadoras em uma possível aproximação entre os estudos contemporâneos problematizam o dualismo entre a natureza e a sociedade, notadamente os estudos humano-animais e a história ambiental.

Em posse de artefatos conceituais que atravessam estes dois campos de saber e neles estão presentes, quais sejam: a percepção da interação e a co-dependência entre as espécies e os sistemas biológicos e culturais; das sensibilidades distintas produtoras das relações entre humanos e animais não humanos que se conformam nos usos culturais e nos saberes

---

<sup>1</sup> DELORT, Robert. **Les animaux ont une histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

sistematizados; a percepção de temporalidades cruzadas no encontro dos mundos da cultura e da natureza, o/a historiador/a/mateiro/a pode observar nas histórias contadas sobre os animais, bem como nos relatos de viagem pesquisados, as formas de nomeação e tratamento dos animais como rastros de uma cultura que explora e exaure o mundo natural, mas também denuncia tal exploração e inventa as formas de sua proteção, inaugurando novas possibilidades de convivência e de coexistência e, portanto, potencializa a escrita de outras histórias que, como aqui, se apresentem atravessadas pela presença e pelo registro dos animais não humanos.

### **Pensar os animais, escrever sobre os animais: nos rastros de uma historiografia**

Os animais aparecem na historiografia há muitos anos. Já em 1992, Paolo Rossi, ao estudar o pensamento enciclopedista, em seu debate sobre a constituição e as delimitações das produções da Terra/Natureza, destacou a aproximação entre a vida animal e humana, tanto no sentido de sua existência, quanto na possibilidade “nem absurda e nem inconsequente”<sup>2</sup> da imaginação de seus desaparecimentos. Para o historiador a extinção de espécies animais constatada pelas descobertas fósseis do século XVII e XVIII e os debates intelectuais que elas provocaram ligaram as discussões sobre as “*épocas da natureza*” à “*descoberta do tempo*”<sup>3</sup> Os fósseis como provas de organismos vivos de passados muito distantes se constituíram como vestígios e marcas do tempo, como documentos presentificados da história do planeta. Os relatos das batalhas contra as feras míticas, sejam dragões ou serpentes, por exemplo, marcam a luta cotidiana das sociedades antigas ao afastar de si o que considerou como comportamentos e entendimentos caracterizados pelas ideias de selvageria. O processo de construção dicotomizada que colocava em polos opostos o humano e o selvagem tem uma longuíssima história que está na base da construção filosófica e mesmo religiosa do ocidente moderno. Em Rossi este constructo intelectual vai definir mesmo uma ideia de providência divina<sup>4</sup>.

As religiosidades e o desenvolvimento do sagrado em diversas culturas pelo mundo tornaram os animais deuses, em outros tempos e lugares, os animais foram imputados em cortes de justiça e protegidos na legislação e no direito contemporâneo. Estes deslocamentos dos lugares ocupados pelos animais nas culturas através do tempo são objeto do historiador norte americano Gerard Carson já na década de 1960. De sua obra, criticada pelas revistas acadêmicas

---

<sup>2</sup> ROSSI, Paolo. Os sinais do tempo: história da terra e história das nações de Hooke à Vico. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 123.

<sup>3</sup> Grifos do autor. *Ibid.*, p. 25.

<sup>4</sup> *Ibid.* p. 300

de seu tempo<sup>5</sup>, merece destaque a história e a defesa da Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade com os Animais, e os debates sobre o vegetarianismo, e a luta contra a crueldade com os animais que são considerados fornecedores de carne, pele, transporte. Na longuíssima duração de mais de cem mil anos de convivência, o historiador recupera atos e cenas nas quais os animais estiveram no centro das preocupações humanas, mais especificamente nas preocupações estadunidenses. Os impactos da compaixão e da simpatia como exemplos de um complexo sistema moral, já havia sido objeto das reflexões do historiador e filósofo Wilhelm Dilthey que afirmava que o direito estava relacionado com a benevolência na construção do pensamento positivo.<sup>6</sup>

A história das relações humanos/animais foram influenciadas pela mudança de atitude ao longo da modernidade ocidental. A obra do historiador inglês Keith Thomas, *O homem e o mundo natural*, publicada no Brasil em 1988, pela Companhia das Letras, é referência obrigatória neste estudo. O autor afirma que certas espécies de animais permaneceriam mais íntimas dos humanos e suas sociedades do que outras. Na Inglaterra Tudor, os animais que tornavam-se mais e mais íntimos dos humanos eram os cavalos, os falcões, os cães de caça e tantos outros animais de estimação como macacos, tartarugas, coelhos, esquilos e pássaros. Estes que ocupavam um lugar especial na sociedade e na cultura, mesmo quando não domesticados. Afeição, posse e distinção eram os sentimentos que amalgamavam as relações e faziam deslocar o próprio lugar dos animais. Segundo Thomas, aos animais de estimação era garantido o direito de entrar nas casas, nas igrejas e, em sua constituição humanizadora, a receber nomes próprios e individualizados, além da imensa vantagem de ficar de fora dos cardápios dos humanos que os possuíam<sup>7</sup>.

A arrogância humana e a difícil aceitação de que a espécie humana é apenas mais uma entre as espécies animais e sobretudo, que as outras espécies não estão destinadas a saciar suas necessidades e desejos, fez parte fundamental entre as concepções em mudança do pensamento na modernidade. A tirania e a hostilidade exibidas no exercício de um domínio humano no século XVI desapareceriam nos séculos posteriores pelas profundas alterações das sensibilidades, experimentadas de formas muito diferentes na própria Europa e mesmo em

---

<sup>5</sup> CARSON, Gerald. *Men, Beasts and Gods: a history of cruelty and kindness to Animals*. New York: Charles Scribner's Sons, 1972. Conferir a resenha de LANGSAM, Miriam Z., *Men, Beasts, and Gods: A History of Cruelty and Kindness to Animals*. By Gerald Carson. *Journal of American History*, Volume 60, Issue 3, December 1973, Pages 770–771, Disponível em <https://doi.org/10.2307/1917698> Acesso em 12 de jun. 2022.

<sup>6</sup> Cf. DILTHEY, Wilhelm. *Sistema de ética*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Ícone Editora, 1994. P. 104.

<sup>7</sup> THOMÁS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 138/139.

relação a outras regiões do planeta.

No campo dos animais do imaginário, Umberto Eco em seu *The Book of Legendary Lands*, retira dos escritos de filósofos da antiguidade e do medievo paisagens e animais que atestariam a proximidade ou afastamento em relação aos paraísos das terras sem mal ou utópicas que se desenharam nos escritos de Aritóteles, Platão, Voltaire, Campanella ou Edgar Alan Poe, além de outros 101 autores coligidos<sup>8</sup> pelo escritor italiano. Aí aparecem animais reais como tartarugas e pássaros, camaleões e rinocerontes; serpentes, leões e cavalos marinhos; e animais imaginários como unicórnios, dragões e sereias.

No começo deste século XX, o historiador francês Michel Pastoureau escolhe escrever uma história dos animais que atingiram a celebridade<sup>9</sup>. Resgata quatro histórias de porcos, tais como o porco de Santo Antão, o porco regicida, a porca de Falaise, as leitoas de Vauban; três histórias destinadas à elefantes, o de Aníbal, o de Carlos Magno e o de São Luís e duas destinadas aos ursos, o urso apaixonado por Antoinette Culet e o Teddy Bear, o primeiro urso de pelúcia. No rol de seu resgate de animais, estuda 40 indivíduos que considera célebres por sua permanência na cultura ocidental, pela criação de fábulas e mitos. Animais que participam do mundo humano como objetos, sonhos e símbolos. Imaginário e realidade que se atravessam no bestiário ocidental. O autor inicia seu trabalho com a emblemática serpente do pecado original, seguindo os animais da Arca de Noé e por meio do texto religioso da Bíblia, ainda trará a baleia de Jonas e o boi e o burro do presépio. Do tempo mítico, o autor passa ao tempo histórico dos registros paleolíticos no complexo de Lascaux, onde bisões, veados, cavalos, entre outros animais coexistiram com os humanos, registrados pela arte parietal há mais de 17 mil anos. Para seguir o bestiário de Pastoureau teremos o Minotauro grego, o cavalo de Tróia, a loba romana, os elefantes de Aníbal, e de Carlos Magno, os gansos do Capitólio<sup>10</sup>. Animais que estabelecem uma ancoragem muito antiga na representação dos poderes sociais e mesmo na expressão do divino<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> ECO, Umberto. *The Book of Legendary Lands*. Translated by Alastair McEwen. London: MacLehose, 2013. p. 465.

<sup>9</sup> PASTOUREAU, Michel. *Os animais célebres*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 2015

<sup>10</sup> O termo bestiário é aqui uma metáfora para pensar a obra de Michel Pastoureau, tendo em vista a perspectiva que os bestiários medievais descreviam várias espécies animais, existentes ou imaginárias. Enquanto narrativa organizavam-se em pequenos textos com propósitos morais e didáticos. Também muitos dos animais estudados pelo historiador possuem uma longa ancoragem nos próprios bestiários medievais, ver VARANDAS, Angélica. *A Idade Média e o Bestiário*. *Medievalista*, no. 2, 2006. Disponível em <http://journals.openedition.org/medievalista/931>. Acesso em 02 nov., 2022.

<sup>11</sup> OSÓRIO, Andréa. Entre o real e o representado: um debate na história dos animais. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 3, n. 1, pp. 75-94. Ver também: BATAILLE, Georges. *Lascaux ou la naissance de l'art [1955]*. Strasbourg: L'Atelier Contemporain, 2021.

Em uma historiografia mais contemporânea, calcada nas renovações temáticas, de abordagens e de amplitude de fontes dos anos 1990, podemos encontrar outros animais figurando nas leituras da história. A obra de Tom Tyler é um importante marco na construção de um campo de estudos que tenha o animal em seu centro, quer seja nos estudos de literatura, arte, cultura ou mesmo história<sup>12</sup>. O pensar no “Animal” que é estudado por meio das formas de uso e apropriação humana como em metáforas, provérbios, imagens e narrativas abre uma série de possibilidades para a reflexão e aqui para a história. Da aproximação com os campos de estudo da ecologia, da etologia animal (estudos do comportamento animal em seu habitat) e dos movimentos de direito animal, emerge o estudo da complexidade dos discursos que buscam superar o binarismo das ideias sobre os animais e as espécies<sup>13</sup>, pois invariavelmente as nossas estruturas discursivas apontam para um discurso especista, sexista e racista, em alguns casos buscando colocar em xeque os esquemas humanistas/eurocentristas/antropocêntricos de reconhecimento dos sujeitos e da produção do conhecimento.

As obras do filósofo australiano Peter Singer, “Liberação animal” (1975), da historiadora norte americana Harriet Ritvo, “*The Animal State*”(1980) e do filósofo francês, de origem argelina, Jacques Derrida, “O animal que logo sou” (2000), podem ser consideradas as pontas dos icebergs deste debate que trouxeram às ciências humanas e sociais a emergência de uma nova perspectiva e um brutal deslocamento dos sujeitos e dos processos de sua sujeição e resistência. A partir disso, pode-se afirmar com Derrida que “...não há o animal no singular genérico, separado do homem por um só limite indivisível. É preciso considerar que existem “viventes” cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única de animalidade simplesmente oposta à humanidade.”<sup>14</sup>

Tais deslocamentos produziram um movimento crítico em direção de um pensar mais amplo sobre o próprio animal e as relações que ele estabelece com o humano.<sup>15</sup> Para Tom Tyler e Manuela Rossini, os encontros potenciais entre humanos e animais ocorrem de variadas formas, como metáforas, como antropomorfismos, mas também como experiência e ação. As

---

<sup>12</sup> TYLER, Tom. Introduction: The case of the Camel. In.: ROSSINI, Manuela & TYLER, Tom (eds.). *Animal Encounters*. Brill, 2009. p. 5.

<sup>13</sup> Sobre a história das espécies, as fronteiras entre o selvagem e o doméstico e o processo de nomenclatura científica ver RITVO, Harriet. *Species*. In.: GRUEN, Lory (Ed.) *Critical terms for Animal Studies*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2018. p. 383 – 393. Ver também ROEPSTORFF, Andreas. *Thinking with animals*. *Sign Systems Studies*. 29.1, 2001.

<sup>14</sup> DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 87.

<sup>15</sup> Cf. COSTA FILHO, Ricardo Gomes. *Olhar Humano, vida animal: subsídios para o estudo dos wildlife films*. Programa de Pós-graduação em Comunicação: Universidade Federal do Sergipe, 2014. P. 35. [Dissertação de Mestrado]. Disponível em [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4035/1/RICARDO\\_GOMES\\_COSTA\\_FILHO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4035/1/RICARDO_GOMES_COSTA_FILHO.pdf). Acesso em 13 de jun., 2022.

condições das existências destes encontros podem ser lidas e categorizadas em Tyler por meio dos *encontros potenciais*, imaginados, esperados, sonhados e descritos na literatura e em outros registros; de *encontros mediados*, das *re* apresentações em filmes, em fotografias, e nas artes; dos *encontros experimentais*, nos laboratórios, e nas ciências; dos *encontros corporais*, que se experimenta com as espécies domésticas, seja no alimento, vestuário, transporte ou companhia; dos *encontros libidinosos*, por meio da bestialidade e da zoofilia<sup>16</sup>. Percebe-se que cada vez mais os animais tornam-se centrais nos estudos da história na contemporaneidade.

Harriet Ritvo aponta este caminho tanto nos estudos dos *Animal Studies*, quando no “crescimento vigoroso da História Ambiental”<sup>17</sup>, além de citar também a história da tecnologia. A historiadora norte americana nos apresenta, em um artigo de 2002, um quadro sintético das potencialidades dos diálogos entre estes campos. Pode-se, a partir desta leitura, depreender que quanto mais os historiadores se interessarem por estudar os animais e suas relações e existência com os humanos, maior amplitude temática e complexidade analítica será atingida.

No sentido de compreender a trajetória dos *Animal Studies* no interior das humanidades, Cary Wolfe, aponta as questões interdisciplinares da agência animal<sup>18</sup>, da problemática do pós humanismo e da complexidade dos debates éticos e ontológicos que se fazem na necessária superação da oposição entre o animal chamado humano e a diversidade reconhecida de animais. Ideias, concepções, conceitos e discursos articulam-se na crítica acadêmica, mas também na política e filosófica. É intenso o movimento historiográfico que apresenta Wolfe, desde o nascimento da temática na historiografia de língua inglesa (Estados Unidos, Austrália, Reino Unido) até a produção robusta de pesquisas, a organização de congressos e seminários, a produção de livros e referências<sup>19</sup> e, fundamental a este processo, a formação de jovens historiadores e pesquisadores que desejem se debruçar sobre a imensa possibilidade temática que os estudos sobre os animais apresentam.

Sobre a amplitude temática podemos ainda citar o excelente trabalho de Linda Kalof<sup>20</sup>, no qual os animais têm centralidade, quer seja pela história do desejo da proteção dada pela

<sup>16</sup> TYLER, Tom. Op. cit. p. 8

<sup>17</sup> RITVO, Harriet. History and Animal Studies. *Society and Animal*, n. 10 (4), 2002.p. 404. Sobre a História Ambiental ver também PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Revista Estudos Avançados*, n. 24 (68), 2010; LEFF, Enrique. Construindo a História Ambiental na América Latina. *Esboços*, n. 13. p. 11 – 19; DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Tradução de Silvia de Costa Souza. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>18</sup> Sobre o tema conferir FERREIRA, Bruna Mariz Bataglia. Estudos Humano-Animal: agência moral e brincadeira animal. *Revista Direito e Práxis*. No. 9 (4), out., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37971> Acesso em 13 de jun., 2022.

<sup>19</sup> WOLFE, Cary. *Human, all too human: Animal Studies and the humanities*. PMLA Modern Language Association of America, 2009.

<sup>20</sup> KALOF, Linda. *Looking at Animals in Human History*. Londres: Reaktion Books, 2007.

legislação, quer seja pelo desejo da caça como um espetáculo no mundo contemporâneo, quer seja da construção de parques para exibição e mesmo proteção da vida animal. Os usos e as formas de apropriação e tratamento da vida animal em seus processos de mudanças sensíveis experimentadas ao longo da modernidade e mesmo no contemporâneo são aí historiadas.

Na historiografia brasileira, os animais também já aparecem há algum tempo. Na obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda já conseguimos observar a interação entre humanos e animais como condição existencial estratégica, como afirma a historiadora Regina Horta Duarte<sup>21</sup>. O cotidiano nos interiores brasileiros e a existência de áreas naturais de imensa diversidade e riqueza ambiental, que ao longo dos processos de ocupação do país seriam impactadas e destruídas, fez com que o mundo animal sempre estivesse atravessando ou envolvendo o cotidiano da vida humana. Eram os bois e mulas que atravessavam as estradas com as tropas ou em pequenas comitivas de uma civilização do couro; um pouco mais tarde foram as baleias<sup>22</sup>, que numa expressiva história do comércio, da técnica e dos processos de desenvolvimento de capitais apresenta, já no final dos anos 1960, os animais no centro de sua narrativa sobre o passado.

Mais recentemente temos toda uma geração de historiadores que tem demonstrado o quão vicejante pode ser o campo quando incorporam-se à reflexão histórica as dimensões ambientais<sup>23</sup> e, no escopo deste texto, as dimensões concernentes aos animais não humanos. De uma história das formigas, que na América Portuguesa tornam o Brasil um imenso formigueiro<sup>24</sup>, aos animais protegidos nos zoológicos<sup>25</sup> ou amplitude da natureza remanescente

---

<sup>21</sup> Cf. DUARTE, Regina Horta. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. Halac, Revista de HALAC - Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña, v.9, n.2 (2019). p. 16-44. Disponível em <http://halacsolcha.org/index.php/halac> v.9, n.2 (2019). Também sobre o tema KURI, Lorelai. Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson estúdio, 2014. CAMPHORA, Ana Lucia. Animais e Sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2017.

<sup>22</sup> ELLIS, Miriam. A baleia no Brasil Colonial: feitorias, baleeiros, técnicas, monopólio, comércio, iluminação. São Paulo: Editora Melhoramentos; Edusp, 1969.

<sup>23</sup> PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no pensamento escravocrata (1786-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Também ver CARVALHO Alessandra Izabel de & LAVERDI Robson. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. In.: Revista de História Regional, vol. 19(2): 457-484, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>> Acesso em 21 mai., 2022. Ainda sobre o tema conferir PÁDUA, José Augusto & CARVALHO Alessandra Izabel de. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. In.: História, Ciências, Saúde – Manguinhos. No. 27 (4) , Oct./Dec., 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000500015> Acesso em 13 jun., 2022. Mais recentemente MAHL, Marcelo Lapuente & MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental: entre o passado e o futuro. Nova Revista Amazônica, Volume IX , nº 03, dezembro 2021. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11721/8117>. Acesso 19 de jun., 2022.

<sup>24</sup> CABRAL, Diogo de Carvalho. “O Brasil é um grande formigueiro: território, ecologia e a história ambiental da América Portuguesa”, História Ambiental Latinoamericana y Caribeña/HALAC. Parte I, No. 2, 2014: 467-489; parte II, no. 1, 2015, 287-113. Ainda sobre o tema MAHL, Marcelo Lapuente. Ecologias em terra paulista



e sua proteção<sup>26</sup>, mas também uma história dos animais caçados, traficados<sup>27</sup>, do animais que encontram-se sob a égide da produção alimentar contemporânea<sup>28</sup> ou que são mesmo representados nos discursos das viagens<sup>29</sup> e nas mais diversas representações pictográficas e nas práticas colecionistas<sup>30</sup>.

Na historiografia encontramos uma plêiade de interações entre as mais variadas espécies e os animais demasiadamente humanos, como esperamos ter demonstrado nesta primeira parte do artigo. Merece ainda destaque o recente dossiê da revista *História, Ciências, Saúde – Maguinhos* sobre os animais, publicado em 2021 e que debate desde a questão alimentar e o debate entre carnivorismo e vegetarianismo<sup>31</sup>, os territórios fronteiriços e os jaguares<sup>32</sup>, que também são relatados nos documentos das expedições viajantes<sup>33</sup>, assim como os macacos, as serpentes e milhares de outros animais<sup>34</sup>.

---

(1894-1950): as relações entre o homem e o meio ambiente durante a expansão agrícola do Estado de São Paulo. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2007. [Tese de doutorado]

<sup>25</sup> DUARTE, R. Zoos in Latin America. Oxford Research Encyclopedia of Latin American History. 26, set., 2017. Disponível em <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/view/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-439> Acesso em 21 fev., 2022.

<sup>26</sup> FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra; DRUMMOND, José Augusto & TAVARES, Giovana Galvão. História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. Também sobre o tema ver: FRANCO, José Luis de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, ainda OSTOS, Natascha Stefania de Carvalho. “Por que devemos ser bons para com os animais? A formação prática e moral dos brasileiros por meio dos discursos de proteção aos animais (1930-1939)”, *Historia Critica* 21 no. 71 (2019): 49-68 e DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção. *Latin American Research Review* 41, no 1 (2006): 3-26.

<sup>27</sup> VELDEN, Felipe Ferreira Vander. Joias da floresta: antropologia do tráfico de animais. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

<sup>28</sup> CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Memórias de criadores de suínos: a modernização da suinocultura vista a partir da experiência dos criadores: Paraná, *Revista de História Regional*, 23, no. 1 (2018): 134-150.

<sup>29</sup> LOSADA, Janaina Zito & DRUMMOND, José Augusto. Espíritos cheios de bichos: A fauna nas viagens de Louis Agassiz e Richard Francis Burton pelo Brasil oitocentista. *Varia história* [online]. vol.31, , 2015. pp.253-284.

<sup>30</sup> KURI, Lorelay (org.). Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014. Ver também APROBATO FILHO, Nelson. Colecionadores da beleza: a singularidade natural das borboletas em perspectiva histórica e multidisciplinar. *História, Ciências Saúde – Manguinhos*, 25, no. 2 (2018): 598-600.

<sup>31</sup> OSTOS, Natascha Stefania Carvalho De. “Carnivorismo é uma civilização”: vegetarianismo brasileiro e discursos sobre os animais, 1902-1940. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.28, supl., dez. 2021, p.37-57.

<sup>32</sup> FREITAS, Frederico. Hunters, rangers, cougars, and jaguars: human and nonhuman territories at the Argentine- Brazilian border, 1960s-1990s. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v.28, supl., dez. 2021, p.59-79.

<sup>33</sup> RATTES, Cecília Luttembarck Oliveira Lima. Em busca das onças: as fotografias do jaguar sul-americano no relato de viagem de Theodore Roosevelt. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.28, supl., dez. 2021, p.221-234.

<sup>34</sup> Em apenas uma expedição científica no século XIX no Brasil foram coletados e registrados 76.250 espécimes de animais de 8.143 espécies diferentes. Cf.: ANTUNES, Anderson Pereira. Sociabilidade e trabalho de campo: apontamentos sobre a viagem de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866). In.: *Boletim Eletrônico da Sociedade*

Não é o caso aqui de propor um recorte que retire os animais de seus contextos, ao contrário é torcer pelo encontro cada vez mais frequente dos animais com a história. Neste sentido, depois de apontar um lugar para os animais na historiografia, recortamos, na segunda parte do texto, o encontro dos animais com alguns viajantes oitocentistas, exemplificando por meio da leitura de relatos e diários de viagens as descrições de algumas destas interações entre espécies e sociedades.

### Das sensibilidades e dos sentidos sobre os animais no oitocentos brasileiro

“Por um lado os homens modernos viram um aumento incalculável do conforto, bem estar e felicidade materiais dos seres humanos; por outro lado, davam-se conta de uma impiedosa exploração de outras formas de vida animada. Havia, dessa maneira, um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana.”<sup>35</sup>

As interações entre sociedades humanas e animais não humanos têm como essência o reconhecimento, a nomenclatura e as formas de classificação que deram à compreensão dos animais no mundo moderno. A ciência em sua produção e suas formas de circulação do conhecimento fizeram consolidar algumas impressões de longa duração na cultura. Os sentimentos animais foram identificados no Brasil por meio do registro musical de seus sons, ainda no século XIX, e apontavam para um olhar que traduzia o eu no diverso. Os sentimentos eram claramente humanos, mas os sons, este seriam uma representação e ao mesmo tempo uma instauração discursiva. Ao fazer publicar em 1876, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a obra *Zoophonia* de Hercule Florence, deixa ver ao lado do canto do bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), uma onça pintada (*Panthera onca*) que urrava irritada em um grave fá, e o choro da ariranha (*Pteronura brasiliensis*) que em uma aguda sequencia melódica o lembrava do choro das crianças<sup>36</sup>.

A identificação das espécies e o desejo de inventariar e escrutinar a natureza ao redor circulava entre intelectuais e viajantes durante todo o século XIX. A historiografia de viagens há muito tem apontado as formas da circulação dos conhecimentos e saberes que atravessaram as matas e os rios brasileiros. Aqui, o olhar particular sobre os animais pode nos trazer uma visão que, nos moldes do pensamento oitocentista, percebia a paisagem, mas também ao detalhar as espécies, fazia uma etnografia da relação humano/animal. A observação, a caça, o

---

Brasileira da Ciência, no.9, jun. 2016. Disponível em [https://www.sbh.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=942](https://www.sbh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=942). Acesso em 03 abr. 2022.

<sup>35</sup> THOMÁS, Keith. O homem e o mundo natural. *Op. Cit.* p. 358.

<sup>36</sup> FLORENCE, Hercule. *Zoophonia*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro; IHGB, 1876. p. 332 e 333.

conhecimento sobre o animal, seus usos, as interações entre predadores e a concorrência sobre o mesmo recurso alimentar, as formas da morte do animal permitem ao viajante, colocar em uma mesma cena, uma diversidade típica das florestas tropicais e sub-tropicais. Cena de mitos e violências, de riqueza natural e de apropriações, de mortes e de transformação em mercadoria.

O inglês Richard Burton, que esteve no Brasil em 1868 faz a seguinte descrição:

O dia mostrou-nos uma porção de vida animal maior que de costume. Um jacaré olhou-nos da margem do rio, com o focinho curto e redondo, curioso. Outro estava estendido como morto, sobre umas pedras. Os jacus (penélopes) gritavam no alto das árvores oferecendo boa caça. Mas o mato era muito espesso para uma caçada, embora nos esforçássemos para melhorar o cardápio. Uma grande lontra mergulhou perto de nós e de vez em quando ouvíamos-lhe os gritos que os barqueiros comparavam às gritarias e palavrões das peixeiras e com as objurgatórias do diabo. Há duas espécies de lontras: a comum (*Lutra brasiliensis*) e a lontra grande, também chamada pelo nome tupi de ariranha. Dizem que esse animal chegava a atingir dois metros; a cor, de um castanho mais claro que o da espécie menor, ostenta uma circunferência branca em torno do pescoço. Talvez seja essa espécie que deu origem à lenda da mãe-d'água. Morde terrivelmente e os cães temem persegui-la quando ela foge sobre as pedras. A lontra existe em grande parte no Brasil. É comum nos rios do litoral. Se a mão de obra fosse mais barata sua pele poderia penetrar nos mercados da Europa. Os moradores do rio São Francisco perseguem-na porque ela ataca os peixes. Vive em famílias, abre túneis nas margens dos rios e emite suspiros à superfície. O caçador fecha ambos os orifícios e depois abre o da entrada. Quando a lontra corre para respirar é morta *ad libitum*. Muitas vezes são mortas a tiro nos córregos. Seus corpos são encontrados depois flutuando após algumas horas. As peles têm preço relativamente elevado. Não comprei nenhuma por menos de 2\$000.<sup>37</sup>

Em seu relato de viagem, ele aponta as aproximações entre os animais imaginários, seres mitológicos nos quais acreditavam os homens e as gentes da terra, como os barqueiros que acompanhavam a expedição. As sereias, as mães d'água, o minhocão, superstições que para o explorador eram “evidentemente de origem indígena”<sup>38</sup> e eram tão variadas quanto os cantos dos barqueiros. Histórias que ocupam o limite entre o real e as estórias que se contam:

A região, segundo meu cicerone, tem muita caça, onça, veados, porcos-domato (pecari). Como de costume, ouvimos a estória do homem que matou um "tigre" sozinho, com uma faquinha, e da "caboclada" que come tudo, gaviões e lagartos.<sup>39</sup>

Os hábitos das populações locais que se envolvem como mão de obra e os processos de violência das caçadas estiveram também presente nas descrições de Louis e Elizabeth Agassiz que estiveram no Brasil durante 1865 e 1866 na tentativa de provar entre outras coisas a relação

<sup>37</sup> URTON, Richard Francis. Viagens aos planaltos do Brasil. Tomo II. São Paulo/Rio de Janeiro/ Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, p.49.

<sup>38</sup> *Ibid.* p. 18.

<sup>39</sup> *Ibid.* p. 251

entre as espécies e os limites geográficos.

Em outra viagem, de George Heinrich von Langsdorff, ele conta que "quase todos os dias, dois ou três caçadores [...] traziam entre 10 e 12 pássaros, entre os quais quase sempre havia uma ou duas espécies novas."<sup>40</sup> Espécies de muitos gêneros eram abatidas, e o encontro com as espécies novas e raras ocorreu muitas vezes nesta expedição. A conservação das características do animal por meio do registro, da descrição e da prática da taxonomia atravessaram os desejos e as realizações de toda uma geração de intelectuais-viajantes, indivíduos experimentados nas ciências e nas geografias que andaram léguas e léguas nos interiores brasileiros, que atravessaram as paisagens e descreveram as formas de interações entre humanos e animais.

As caçadas são experiência comum que marcam a interação entre humanos e animais, sobretudo no que toca aos animais silvestres e selvagens, objeto primeiro da caça e da coleta. Pressuposto de uma atividade científica e da cultura dos gabinetes de curiosidades e dos museus, a caça também ampliava o cardápio alimentar destes estrangeiros, que invariavelmente ao preferir a carne de porco, se refestelavam com os banquetes das carnes das aves. A preferência do gosto desaparece no decorrer das viagens e, muitas vezes, cede lugar à fome. Os desconfortos são também um lugar comum nos relatos destas empresas. Come-se de tudo que se há de comer, além das aves podemos encontrar citações para jacarés, cobras, macacos, lontras, porcos do mato. A agonia é para estes humanos ocidentais e estrangeiros o silêncio das matas, que pode matar de fome em poucos dias.

Caçadas forneciam alimentação e espetáculo e demonstravam a supremacia do humano sobre o animal, e mesmo atravessada pela ordem das sociedades das cortes imperiais, as narrativas reconheciam que os vencedores destas batalhas, algumas vezes épicas nos sertões do Brasil, eram homens escravizados. Negros e indígenas compunham as comitivas como caçadores e mateiros, conhecedores locais, eles sabiam como sobreviver, sabiam das fontes de água, das plantas saudáveis, dos ninhos dos animais e de seus ciclos reprodutivos, conheciam os melhores tempos, locais e produtos da floresta e matas. Sabiam evitar os perigos e mesmo sobreviver a eles, e aí entravam na conta os possíveis encontros com as onças e serpentes gigantes.

O Barão de Langsdorff, que viajou pelo Brasil nos anos de 1821 e 1828, trazia em sua

---

<sup>40</sup> SILVA, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. Os Diários de Langsdorff. Tradução de Márcia Lyra Nascimento e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. Vol. 2. p. 31.

expedição zoólogos, preparadores das espécimes, como os taxonomistas<sup>41</sup>, além de outros naturalistas e artistas. Também participaram vários caçadores, indivíduos locais contratados e que trabalhavam incansavelmente para a produção das coleções científicas que era objetivo das viagens<sup>42</sup>. A viagem de Langsdorff foi emblemática, conhecida no Brasil inicialmente pelos relatos de “Hércules Florence e pelos trabalhos publicados de diversos cientistas, como Boris Komissarov e Hans Becher”, teve os três volumes do relato publicados pela Fiocruz em parceria com a Associação Internacional de Estudos Langsdorff, apenas em 1997.

O viajante naturalizado russo deixa registrado em seu diário as formas de circulação dos saberes, orientando-se no território pelo conhecimento e sabedoria dos guias, contra-guias e pilotos da expedição. Ainda assim, encontrou variados perigos. No rastro das experiências com os animais, descreve de sua expedição vários encontros com as serpentes. No caminho de Jundiáí, depois de ter deixado São Paulo, o viajante aponta que “a região fica mais acolhedora e animada” aparecendo uma “maior variedade de animais e aves”, sendo que merece destaque a observação de uma sucuri<sup>43</sup>:

ou seja, uma cobra do gênero *Boa*, que tomava sol entre os galhos de uma árvore seca. Chamaram rapidamente o caçador que estava mais perto, em sua canoinha, ele veio correndo e a abateu. Essa agitação animou o ambiente e quebrou, de certa forma, a nossa rotina.<sup>44</sup>

A rotina nos caminhos interiores envolvia o encontro com animais diversos, mas uma grande cobra sempre chama a atenção e quebra o caminhar cansativo, trazendo tensão e possivelmente, na ética do caçador, a realização de uma possível satisfação. A delimitação dos espaços de ocorrência das espécies também é uma preocupação, a cascavel (*Crotalus durissus*) das Minas Gerais não chegavam ao litoral, ao contrário da surucucu (*Lachesis muta*). Apontava que as cobras venenosas não eram tão frequentes, mas que outras cobras “não venenosas e inofensivas eram bem mais numerosas. Entre as cobras mais citadas estão: caninana (*Spilotes pullatus*), cobra-cipó<sup>45</sup>, cobra-coral<sup>46</sup>, cobra-verde (*Philodryas olfersii*), jibóia (*Boa*

---

<sup>41</sup> *Ibid.* p. 60

<sup>42</sup> DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Expedições científicas no Brasil: circulação de conhecimentos “internacionais” e de objetos científicos “locais”. IN: LOSADA, Janaina; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Um Álbum para o Imperador: a Comissão Científica do Pacífico e o Brasil. p. 101 – 124.

<sup>43</sup> Sucuri é o nome dado às quatro espécies de serpentes semi-áquáticas do Gênero Euneetes: *Euneetes murinus*, *Euneetes notaeus*, *Euneetes beniensis* e *Euneetes deschauensei*. Uma das maiores serpentes existentes, são carnívoras e matam sua presa por constricção. Aqui o viajante cita a serpente como do gênero *Boa*, sua parente de mesma família (Boidae), a jibóia.

<sup>44</sup> SILVA, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. Os Diários de Langsdorff. *Op. cit.* Vol. 2. p. 148.

<sup>45</sup> Cobra-cipó, *Chironius flavolineatus* (Boettger, 1885.)

<sup>46</sup> Coral-verdadeira (*Micrurus lemniscatus*) e a falsa-coral (*Erythrolamprus aesculapii*).

*constrictor*) e *sucuriú*<sup>47</sup>.

O cotidiano das viagens é a realização das atividades da ciência propriamente ditas. A caça, para coleta de espécimes, seria compartilhada na viagem em questão entre a expedição (dois primeiros exemplares) e o próprio zoólogo (terceiro exemplar). Tema controverso que divide os ânimos entre Langsdorff e o zoólogo Ménériès e deixa a tensão no ar por alguns momentos. A divisão era um tema, mas a quantidade de exemplares foi certamente expressiva e mesmo abundante. Já no início de sua descrição, afirma:

Todos os dias, nos traziam grande quantidade de pássaros diferentes; com isso, formamos outras coleções zoológicas. O achado mais curioso do dia foi, sem dúvida, uma mosca parasita que estava alojada debaixo da asa de um pica-pau e que mais se parecia com um *Acarus* do que propriamente com uma mosca, se é que posso me expressar assim.<sup>48</sup>

Um dia o empregado Alexandre esfolava 24 pássaros, muitos raros, noutro dia ele chegava com mais de 50 exemplares e assim o fluxo da caçada e da preparação das coleções seguia em grande intensidade<sup>49</sup>, atrapalhada vez ou outra pela falta de algum caçador ou pelo atraso de algum guia. As descrições dos animais também são compostas pela informação e pelo imaginário criado nas histórias contadas durante a viagem:

O velho guia contou-nos várias histórias de suas viagens anteriores, inclusive a respeito do tamanho das cobras daquela espécie, que chegam a engolir tapires, capivaras e outros animais de grande porte. Após comer sua refeição, ela cai numa espécie de catalepsia, e aí fica mais fácil aproximar-se dela e matá-la com uma faca. Dizem que, para apoderar-se de uma presa grande, ela a prende com o rabo e com ambas as farpas ou garras que ficam perto do ânus e que se assemelham a uma unha de gato, contra um tronco de árvore, uma raiz ou outra coisa, lança-se sobre a presa, estrangula-a e vai apertando até quebrar todas as vértebras e ossos do corpo; por fim, a engole.<sup>50</sup>

O comportamento era descrito para que se evitasse o contato, se soubesse como caçar o

---

<sup>47</sup> Da mesma obra em outro volume, cf SILVA, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. Os Diários de Langsdorff. Tradução de Márcia Lyra Nascimento e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. Vol. 1. P. 222. No Brasil existem mais de 360 espécies de cobras, sendo que a maioria das espécies de cobras possui reprodução ovípara, as fêmeas depositam ovos com casca de proteção. Ocupa uma grande variedade de ambientes, estando presente em todos os biomas brasileiros, predando uma grande variedade de animais, “lesmas e caracóis, centopeias, escorpiões, gafanhotos, besouros, larvas de libélulas, crustáceos (caranguejos), peixes, anfíbios, incluindo ovos e larvas (sapos, rãs, pererecas e cecílias), aves e seus ovos, uma grande diversidade de mamíferos (roedores, catitas, morcegos), jacarés, tartarugas e seus ovos, lagartos e seus ovos e até mesmo outras cobras e seus ovos” Cf. FRAGA, Rafael de [et. al.]. Guia de cobras da região de Manaus: Amazônia Central. Manaus: Editora Inpa, 2013. P. 36.

<sup>48</sup> SILVA, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. Os Diários de Langsdorff. Tradução de Márcia Lyra Nascimento e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. Vol. 2. p. 25/26

<sup>49</sup> Ver também MANIZER, G. G. A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828). Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or375746/or375746.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or375746/or375746.pdf)

<sup>50</sup> SILVA, DGB., *op. cit.* vol 2. p. 147.

animal e sobretudo para o registro da ciência. Além disso o olhar médico do barão buscava entre os conhecimentos dos caboclos remédios e curas para as doenças.”<sup>51</sup>

As interações com os animais são muitas vezes perigosas para a integridade física do viajante, não são raros nas viagens a ocorrência de afogamentos ou até mesmo de malária. Em 1825, em sua viagem ao Mato Grosso e ao Amazonas, o autor faz uma curiosa descrição do costume desenvolvido pelos habitantes locais do rio Paraguai, nas proximidades de Corumbá, no interior da floresta. Ao relatar o incidente que experimentou com uma pequena piranha (*Serrasalmus nattereri*), Langsforff descreve como, naquelas paragens quentes, as pessoas tomam banho. As águas do rio estavam convidativas, um banho também faria descansar o corpo cansado do difícil caminho realizado na viagem, era quase um idílio. Assim, em um ímpeto o viajante retirou as roupas e se jogou naquelas águas, o frescor descrito é apenas interrompido pela mordida da piranha em uma parte “nobre e preciosa de seu corpo”. Para sua sorte, o animal era pequeno e apesar de ter perdido muito sangue e de ter ficado com as marcas da mordida, seu pênis continuava inteiro. Tivesse seguido os conselhos dos homens locais não teria entrado nu ou mesmo nem teria entrado naquele rio. As histórias sobre os “ataques de piranhas” contadas pelo guia da expedição mostram que não era raro quem ali tivesse perdido um ou dois dedos, uma parte da perna e, alguns homens, seu membro precioso. O texto do viajante em tom orientativo desaconselha o mergulho e sugere que nestas paragens seja utilizado o costume local de tomar banho despejando água na cabeça<sup>52</sup>.

Por outras vezes a interação com os animais ocorre para a melhoria das condições da instalação civilizatória das fazendas e das produções agrícolas, assim encontramos a defesa do Tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*)<sup>53</sup> para a sua utilização contra as formigas que acabavam com as plantações de café. Ao constatar o desaparecimento destes animais considerados estranhos, nos caminhos entre São Paulo e Minas, descreve o desejo irrefreado de caçá-los. A

---

<sup>51</sup> “O guia garantiu-nos por experiência própria, que a carne dessa cobra é o melhor remédio para doenças venéreas e de pele, como a sarna. Ele tinha uma sarna renitente que já durava quatro anos; comeu da carne da cobra uma vez só e ficou curado. Realmente, chegando ao acampamento na margem esquerda, mal comecei a medir a cobra e esfolá-la, apareceram logo vários camaradas (remadores) e me pediram insistentemente que lhes desse um pedacinho de carne para tomarem como remédio para os seus problemas de saúde. A cobra era pequena para a sua espécie, ainda um filhote: media quase 11 pés e pesava entre 30 e 35. No lugar onde o caçador atirou nela, havia outra do mesmo tamanho, no chão, embaixo da árvore. Na margem havia uma bem grande, que o caçador só viu quando foi apanhar a que ele abatera. Mas ela logo desapareceu no rio. Aqui essa cobra é chamada de sucuri; em Minas, ela é conhecida como sucuriú.” *Idem*, p. 147

<sup>52</sup> *Op. cit.* SILVA, DGB. (Org.). Vol. 3, p. 39.

<sup>53</sup> Espécie descrita por Linnaeus, 1758, tem ocorrência em todos os biomas brasileiros, segundo O Livro Vermelho da Fauna do estado de São Paulo a espécie é associada a florestas de terras baixas e ambientes savânicos. Ver Fauna ameaçada de extinção no estado de São Paulo: vertebrados/ coordenação geral: Paulo Magalhães Bressan, Maria Cecília Martins Kierulff, Angélica Midori Sugieda. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2009, p. 45.

cena da caçada tem um tom vitorioso, singular e de satisfação, deixando ver uma relação típica da sociedade cortesã, na qual a melhor caça é destinada ao espetáculo e ao prazer do nobre. Depois de morto com um tiro e por golpes de pau, justificado nas palavras do viajante para não estragar a pelagem, o animal foi empalhado. Seus hábitos alimentares, o peso de seu estomago, as formas de locomoção, as fêmeas e as formas de reprodução são cuidadosamente descritos no documento.

A defesa do Tamanduá seria para Langsdorff, “em tempos antigos e atuais”, uma demonstração do processo de civilização do Brasil. Escrevia ele que em “todos os países civilizados, tem sido costume proteger a vida de alguns animais úteis para a sociedade, seja através de leis, da religião, da origem e da tradição e costumes.”<sup>54</sup> À ele estranhava que no Brasil, se deixassem livres os urubus (*Falco aura*) e se caçassem os tamanduás. Desconsiderava, mas registrou o papel de consumidor de carniça do primeiro e elevou o papel de consumidor de formigas do segundo, chamando mesmo de “o mais útil de todos os animais, criado por Deus Amado para livrar o homem da fome, uma vez que ele come as formigas devastadoras e destrutivas.”<sup>55</sup>

Ainda um pouco distante da geração dos protetores da natureza<sup>56</sup>, o alerta para os limites populacionais das espécies animais e o papel do estabelecimento de uma política conduzida pelo estado já estava colocada. Desde o alerta no século XVIII para a necessidade de proteção dos filhotes de baleias feito por José Bonifácio de Andrada e Silva<sup>57</sup> existem sugestões e preferências de algumas espécies que mereceriam maior cuidado do que outras. Nenhuma destas propostas se efetivou como ação política ou norma legal durante o século XIX. Concorriam nestas ideias circulantes a crença de que era vasta e inesgotável a natureza, que tudo nela tornar-se-ia produto para a riqueza das sociedades humanas e que aquilo que não fosse considerado de alguma forma útil, poderia ser descartado. A busca do raro e o desejo de preservar o raro em museus ainda não estava atravessado pelo medo da extinção em massa que

---

<sup>54</sup> *Ibid*, vol. I, p. 253

<sup>55</sup> *Idem*.

<sup>56</sup> *Op cit*. FRANCO, José Luiz de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

<sup>57</sup> Ver SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Memória sobre a pesca das baleias, e extração do seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias". Academia de Ciências de Lisboa. 1790. Ver também DIAS, Célia Regina. Escritos ambientalistas de José Bonifácio. Estudos Sociedade e Agricultura, 4, julho 1995: 130-139. Também DIAS, Camila Baptista. A pesca no Brasil Colonial: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2010. [Dissertação de Mestrado]. Disponível em <file:///D:/2021/CFCHS/Pesquisa/Fontes%20Animaes%20do%20Brasil%20Arquivo%20SBH%20Unicamp/A-pesca-da-Baleia-no-Brasil-colonial.pdf>. Acesso em 18 de jun., 2022.



somos testemunhas nestes tempos para lá de antropocêntricos<sup>58</sup>. Alguns viajantes já percebiam o risco e alertavam seus contemporâneos por meio de seus textos, sugerindo formas de garantir que as espécies úteis fossem incorporadas no conjunto dos usos sociais. Domesticação, descrição de espécies e gestão de recursos de caça e pesca eram para estes intelectuais temas essenciais aos impérios, reinos e depois aos estados.

Ainda não haviam os estudos sobre a biodiversidade, e as lontras ainda não eram consideradas espécie-chave<sup>59</sup> por que a concepção de ecologia na composição da comunidade ainda não era um pensamento desenvolvido ou mesmo compartilhado entre naturalistas ou biólogos. A concepção e categorização dos animais mais parecia aquela dada pelo médico brasileiro José Ribeiro de Souza Fontes, no artigo que abria o tomo 19, vol 24, publicado pela revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1859, que ao privilegiar o estudo da história das espécies de animais não humanos na história do Brasil, os divide como nocivos, de caça, de gosto e recreação, domésticos, importados. Os animais foram intensamente transportados entre a América, a Europa e a África, foram a provisão das viagens e, ao mesmo tempo, os seus piores pesadelos. Bordejando pelo pensamento seu contemporâneo ou mais antigo cita Pedro Simão, Montfalcon, Simão de Vasconcelos, Cantú, Dom Felix de Azara, Evans-Prichard, entre outros intelectuais. Prioriza os animais domésticos, iniciando sua descrição pelos cães que, na leitura do médico, foram usados contra as populações indígenas, no processo colonial ao lado do ferro e do fogo<sup>60</sup>. Os gatos silvestres que na América foram domesticados eram desqualificados na leitura de Fontes, como infiéis, traidores, de malícia inata. Depois destes a vez é do flagelo dos primeiros estabelecimentos nas terras brasileiras, os ratos. Originários de climas temperados desembarcam com os conquistadores, o debate sobre as espécies e as formas de sua distribuição é tema de Buffon e de Cuvier na narrativa. Os porcos, tão antigos quanto os javalis do Cão ou da China. Também foram transportados da Europa e vendidos no Peru, no Canadá, e no Brasil. Foi um dos animais que melhor se adaptou e se

---

<sup>58</sup> Ver LOPES, Alfredo Ricardo Silva & VIANA JUNIOR, Mário Martins Viana Junior. O Antropoceno como Regime de Historicidade. *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 12(23), 9–24, 2020. disponível em <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v12i23.11708>. Acesso 20 mai., 2022.

<sup>59</sup> A lontra foi o exemplo utilizado pelo biólogo e evolucionista Edward O. Wilson ao caracterizar o termo espécie chave em seu Glossário, constituindo-se como uma espécie que “afeta a sobrevivência e abundância de muitas outras espécies na comunidade em que vive. Sua exclusão ou inclusão resulta numa mudança relativamente significativa na composição da comunidade e, as vezes, até na estrutura física do ambiente.” WILSON, Edward O. *Diversidade da vida*. Tradução de Carlo Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 418

<sup>60</sup> FONTES, José Ribeiro de Souza. Quaes os animais introduzidos na América pelos conquistadores. In.: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1859, p. 516.

multiplicou “prodigiosamente”<sup>61</sup>. Cavalos e asnos contavam sobre as histórias dos corsários das Antilhas. A historiografia sobre os animais já era estudada no século XIX. Ayres Casal e sua *Corografia brasileira*, vai afirmar que cavalos e jumentos eram “absolutamente desconhecidos” neste hemisfério. Outra leitura daí deslindada é a que os povos indígenas não haviam domesticado espécie alguma de quadrúpedes para o “seu uso e necessidade”. O debate sobre os animais do antigo continente e sua introdução nas terras americanas e brasileiras durante os anos de colonização continuava, Cusco, México e o bisão desfilavam nesta história que analisava as melhores formas para criar as ovelhas e as apresenta-las aos indígenas, claro estava ao intelectual que eles não a conheciam. Este encontro de muitos universos tão diferentes entre brasileiros, europeus, indígenas, negros, livres e escravos com os animais, sendo feras ou sereias, sendo domésticos vindos com as vagas da colonização<sup>62</sup>, sendo selvagens nativos das terras americanas, foram ao longo da modernidade ou do antropoceno historiados. Diferentes foram os documentos utilizados para contar esta história. Da própria construção na historiografia e na historiografia brasileira até as referências e imagens construídas no pensamento viajante oitocentista e nos próprios quadros do IHGB.

A caça, a ciência e as espécies animais se mesclam na escrita da história das sociedades e dos homens, são inescapáveis em seus relatos e em seus cotidianos e a própria historiografia produzida no Brasil foi muitas vezes sensível ao tema animal. Desta forma, o levantamento historiográfico realizado na primeira parte do texto desejou marcar os animais como tema para o campo de pesquisa, abrindo o caminho para uma história que buscou trazê-los ao centro da leitura, assim como as interações humanas com eles travadas nas expedições científicas oitocentistas, objeto desta segunda parte.

Como recurso, como riqueza, como cotidiano, como saber, como alimento ou como conforto, as interações com os animais relatadas desde o século XIX possibilitam aqui a construção de um panorama historiográfico do século XX e XXI. A multiplicação temática e a multiplicação das histórias das espécies e dos biomas que elas habitam, dos parques e instituições que as protegem, dos esforços e das ideias conseguem, contemporaneamente, fazer permanecer e resistir na história e nos territórios brasileiros as onças, os bugios e as serpentes.

### Referências bibliográficas

---

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 521.

<sup>62</sup> CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa*. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANTUNES, Anderson Pereira. Sociabilidade e trabalho de campo: apontamentos sobre a viagem de Louis Agassis ao Brasil (1865-1866). In.: **Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira da Ciência**, no.9, jun. 2016. Disponível em [https://www.sbh.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=942](https://www.sbh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=942). Acesso em 03 abr. 2022.

APROBATO FILHO, Nelson. Colecionadores da beleza: a singularidade natural das borboletas em perspectiva histórica e multidisciplinar. **História, Ciências Saúde – Manguinhos**, 25, no. 2 (2018): 598-600.

BATAILLE, Georges. **Lascaux ou la naissance de l'art** [1955]. Strasbourg: L'Atelier Contemporain, 2021.

BURTON, Richard Francis. **Viagens aos planaltos do Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

CABRAL, Diogo de Carvalho. O Brasil é um grande formigueiro: território, ecologia e a história ambiental da América Portuguesa. Parte I. **História Ambiental Latinoamericana y Caribeña/HALAC**, 3, No. 2 (2014): 467-489; Parte 2. **História Ambiental Latinoamericana y Caribeña/HALAC**, no. 1(2015): 87-113.

CARSON, Gerald. **Men, Beasts and Gods: a history of cruelty and kindness to Animals**. New York: Charles Scribner's Sons, 1972.

CARVALHO Alessandra Izabel de & LAVERDI Robson. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: Entrevista com José Augusto Pádua. **Revista de História Regional**, vol. 19(2): 457-484, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>> Acesso em 21 mai., 2022.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Memórias de criadores de suínos: a modernização da suinocultura vista a partir da experiência dos criadores: Paraná. **Revista de História Regional**, 23, no. 1 (2018): 134-150

COMERLATO, Fabiana; QUIROZ, Daniel. (Org.). **Baleias e baleeiros**. 1aed. Pelotas: BasiBooks, 2019. p. 37-47.

COSTA FILHO, Ricardo Gomes. **Olhar Humano, vida animal: subsídios para o estudo dos wildlife films**. Programa de Pós-graduação em Comunicação: Universidade Federal do Sergipe, 2014 [Dissertação de Mestrado]. Disponível em [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4035/1/RICARDO\\_GOMES\\_COSTA\\_FILHO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4035/1/RICARDO_GOMES_COSTA_FILHO.pdf). Acesso em 13 de jun., 2022.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa**. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

DELORT, Robert. **Les animaux ont une histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1984. DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Tradução de

Silvia de Costa Souza. Rio de Janeiro: Record, 2008.

DIAS, Camila Baptista. **A pesca no Brasil Colonial: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2010. [Dissertação de Mestrado]. Disponível em <file:///D:/2021/CFCHS/Pesquisa/Fontes%20Animaes%20do%20Brasil%20Arquivo%20SBH%20Unicamp/A-pesca-da-Baleia-no-Brasil-colonial.pdf>. Acesso em 18 de jun., 2022.

DIAS, Célia Regina. Escritos ambientalistas de José Bonifácio. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 4, julho 1995: 130-139.

DILTHEY, Wilhelm. **Sistema de ética**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Ícone Editora, 1994.

DUARTE, Regina Horta. Zoos in Latin America. **Oxford Research Encyclopedia of Latin American History**. 26, set., 2017. Disponível em <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/view/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-439> Acesso em 21 fev., 2022.

DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção. **Latin American Research Review** 41, no 1 (2006): 3-26.

\_\_\_\_\_. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. **HALAC - Revista de História Ambiental, Latinoamericana y Caribeña**, v.9, n.2 (2019). p. 16-44. Disponível em <http://halacsolcha.org/index.php/halac> v.9, n.2 (2019).

ECO, Umberto. **The Book of Legendary Lands**. Translated by Alastair McEwen. London: MacLehouse, 2013.

EDMUNDSON, Willian & HART, Ian. **A história da caça baleia no Brasil: de peixe real à iguaria japonesa**. Baueri, SP: Disal Editora, 2014.

ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil Colonial: feitorias, baleeiros, técnicas, monopólio, comércio, iluminação**. São Paulo: Editora Melhoramentos; Edusp, 1969.

**FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO: Vertebrados**. Coordenação geral: Paulo Magalhães Bressan, Maria Cecília Martins Kierulff, Angélica Midori Sugieda. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2009.

FERREIRA, Bruna Mariz Bataglia. Estudos Humano-Animal: agência moral e brincadeira animal. **Revista Direito e Práxis**. No. 9 (4), out., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37971> Acesso em 13 de jun., 2022.

FLORENCE, Hercule. Zoophonia. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro; IHGB, 1876.

FRAGA, Rafael de [et. al.]. **Guia de cobras da região de Manaus: Amazônia Central**. Manaus: Editora Inpa, 2013.

FRANCO, José Luiz de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. **Proteção à natureza e Identidade Nacional no Brasil, anos 1920-1940**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DUTRA, Sandro; DRUMMOND, José Augusto & TAVARES, Giovana (orgs.) **História ambiental: território, fronteiras e biodiversidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra; DRUMMOND, José Augusto & TAVARES, Giovana Galvão. **História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012

FREITAS, Frederico. Hunters, rangers, cougars, and jaguars: human and nonhuman territories at the Argentine-Brazilian border, 1960s-1990s. **História, Ciências, Saúde – Maguinhos**. v.28, supl., dez. 2021, p.59-79.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. Companhia das Letras. 1994.

\_\_\_\_\_. **Monções**. São Paulo: Alfa-Ômega. 1976.

\_\_\_\_\_. **O extremo Oeste**. São Paulo: Brasiliense; Secretaria do Estado da Cultura. 1986.

\_\_\_\_\_. **Visão do paraíso: motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Edusp. 1969.

KALOF, Linda. **Looking at Animals in Human History**. Londres: Reakiton Books, 2007.

KURY, Lorelai Brilhante (org.). **Representações da fauna do Brasil, séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.

LANGSAM, Miriam Z., Men, Beasts, and Gods: A History of Cruelty and Kindness to Animals. By Gerald Carson. **Journal of American History**, Volume 60, Issue 3, December 1973, Pages 770–771. Disponível em <https://doi.org/10.2307/1917698> Acesso em 12 de jun. 2022.

LEFF, Enrique. **Construindo a História Ambiental na América Latina**. *Esboços*, n. 13. p. 11 – 19.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva & VIANA JUNIOR, Mário Martins. O Antropoceno como Regime de Historicidade. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**, 12(23), 9–24, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.14295/rbhc.v12i23.11708>. Acesso 20 mai., 2022.

LOSADA, Janaina Zito. Historiografia brasileira e meio ambiente: as contribuições de Sérgio Buarque de Holanda e o debate contemporâneo da história ambiental. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Online)**, v. 23, p. 653-668, 2016.

LOSADA, Janaina Zito & DRUMMOND, José Augusto. Espíritos cheios de bichos: A fauna nas viagens de Louis Agassiz e Richard Francis Burton pelo Brasil oitocentista. **Varia**

história [online]. vol.31, , 2015. pp.253-284.

LOSADA, Janaina; PUIG-SAMPER, Miguel Angel & DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Um Álbum para o Imperador: a Comissão Científica do Pacífico e o Brasil**. Rio de Janeiro: Mast; Uberlândia: Edufu, 2013.

MAHL, Marcelo Lapuente & MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental: entre o passado e o futuro. **Nova Revista Amazônica**, Volume IX , nº 03, dezembro 2021. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11721/8117>. Acesso 19 de jun., 2022.

MAHL, Marcelo Lapuente. **Ecologias em terra paulista (1894-1950): as relações entre o homem e o meio ambiente durante a expansão agrícola do Estado de São Paulo**. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2007. [Tese de doutorado]

MANIZER, Genrikh Genrikhovich. **A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)**. Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or375746/or375746.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or375746/or375746.pdf)

OSÓRIO, Andréa. **Entre o real e o representado: um debate na história dos animais**. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 3, n. 1, pp. 75-94.

OSTOS, Natascha Stefania de Carvalho. Por que devemos ser bons para com os animais? A formação prática e moral dos brasileiros por meio dos discursos de proteção aos animais (1930-1939), **Historia Crítica**21 no. 71 (2019): 49-68.

\_\_\_\_\_. “Carnivorismo é uma civilização”: vegetarianismo brasileiro e discursos sobre os animais, 1902-1940. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., dez. 2021, p.37-57.

PADUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. *Revista Estudos Avançados*, n. 24 (68), 2010.

\_\_\_\_\_. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no pensamento escravocrata (1786-1888)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PÁDUA, José Augusto & CARVALHO Alessandra Izabel de. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. No. 27 (4), Oct./Dec., 2020.

PASTOUREAU, Michel. **Os animais célebres**. Tradução de estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RATTES, Cecília Luttembarck Oliveira Lima. Em busca das onças: as fotografias do jaguar sul-americano no relato de viagem de Theodore Roosevelt. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., dez. 2021, p.221-234.

RITVO, Harriet. History and Animal Studies. **Society and Animal**, n. 10 (4), 2002.

\_\_\_\_\_. Species. In.: GRUEN, Lory (Ed.) **Critical terms for Animal Studies**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2018. p. 383 – 393.

ROEPSTORFF, Andreas. Thinking with animals. **Sign Systems Studies**. 29.1, 2001.

ROSSI, Paolo. **Os sinais do tempo: história da terra e história das nações de Hooke à Vico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Danusio Gil Bernardino, org., KOMISSAROV, Bóris. et al., eds. **Os Diários de Langsdorff**. Tradução de Márcia Lyra Nascimento e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. Vol. 1, 2 e 3.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Memória sobre a pesca das baleias, e extração do seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias". **Academia de Ciências de Lisboa**. 1790.

SINGER, Peter. **A libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TERRANOVA, Marcos. **Abrolhos: Visões de um arquipélago oceânico**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsonn Estúdio, 2016. pp. 67 – 96.

THOMÁS, Keith. **O homem e o meio natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TYLER, Tom. **Introduction: The case of the Camel**. In.: ROSSINI, Manuela & TYLER, Tom (eds.). *Animal Encounters*. Brill, 2009.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. **Medievalista**, no. 2, 2006. Disponível em <http://journals.openedition.org/medievalista/931>. Acesso em 02 nov., 2022.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. **Joias da floresta: antropologia do tráfico de animais**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

WEGNER, Robert. **A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. A montanha e os caminhos: Sérgio Buarque de Holanda entre Rio de Janeiro e São Paulo. **Revista Brasileira de História**, vol. 36, núm. 73, pp. 111-133, 2016.

WILSON, Edward O. **Diversidade da vida**. Tradução de Carlo Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WOLFE, Cary. Human, all too human: Animal Studies and the humanities. **PMLA Modern Language Association of America**, 2009.